

Ficção Dungeons & Dragons

por Ed Greenwood



Como a Sabedoria Chegou até o Mago Mutilado

O que acontece quando um mago Zhentarim tenta roubar o *Fogo Primordial*

"Saibam, ó magos, que existe aprendizado e existe sabedoria – e elas estão muito longe de serem a mesma coisa".

— Azuth o Alto, *Eloquções do Altar: Manifestações Verbaís Colecionadas do Divino e mais Sagrado Lorde das Magias*

(folheto sagrado, coletado por clérigos anônimos de Azuth, aproximadamente em 1358 CV)

Eirhaun, o Mutilado, sentou-se sozinho numa torre

escura e arruinada e teve pensamentos obscuros.

Afinal de contas, pensamentos obscuros eram o seu trabalho.

Detectar traidores entre os membros da Fraternidade voltaria a mente para uma vil escuridão – se já não tivesse esse tipo de mente, para começar.

A de Eirhaun era assim.

Ventos frios assobiaram pelas janelas vazias, mexendo os galhos mortos e secos de um ninho de gorcraw abandonado há muito tempo. Nenhum pássaro era corajoso o bastante para visitar esta torre agora, já que eles precisariam atravessar a escura canção dos seus feitiços de proteção. Nada vivo era.

O temido Mago Mutilado dos Zhentarim veio para esta esquecida concha de um alto forte nos Chifres da Tempestade quando ele quis ficar sozinho para criar magias, ou para se esconder, ou para encontrar solidão absoluta na qual pensar. Ou todas essas coisas, como estava fazendo agora, com seus quatro

CRÉDITOS ADICIONAIS

Escrito por: Ed Greenwood

Créditos da Edição Nacional

Traduzido por: Priscila Veduatto

Revisado por: Daniel Bartolomei Vieira

Editado por: Daniel Bartolomei Vieira

Design Gráfico: Ricardo Costa

Baseado nas regras oficiais de **Dungeons & Dragons** criadas por Gary Gigax e Dave Arneson e no Design de jogo do novo **Dungeons & Dragons** criado por Jonathan Tweet, Monte Cook, Skip Williams, Richard Baker e Peter Adkinson.

D&D, DUNGEONS & DRAGONS e FORGOTTEN-REALMS são marcas registradas, propriedade da Wizards of the Coast, Inc. Todos os personagens, nomes e caracte-

terísticas são marcas comerciais registradas da Wizards of the Coast, Inc. Este produto é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com lugares, organizações, eventos ou pessoas reais é mera coincidência.

Este material é apenas um brinde concebido pelo site Os Últimos Dias de Glória, portanto não é autorizado sua comercialização ou reprodução indevida.

www.wizards.com/dnd

www.ultimosdias.tk



olhos flutuantes como brilhantes uvas verdes ao redor de sua cabeça sem olhos. Suas órbitas vazias não encaravam nada, mas sua mão recém-curada coçava terrivelmente – e pior, a maldição de Alustriel se manteve: apesar de todas as magias da Trama que ele pudesse pensar, seus dedos recém crescidos eram minúsculas serpentes enroladas, como antes. Agora eles mordiam uns aos outros à toa e sem parar, refletindo o humor do seu dono e roubando dele seu velho hábito de tamborilar os dedos no braço da cadeira.

Ainda assim ele supôs que deveria se considerar afortunado por poder se sentar em qualquer lugar e ficar inquieto sobre qualquer coisa. O *fogo primordial* veio através de um bom pedaço de Faerûn até ele, apesar de ter sido defletida por seu real objetivo – Hesperdan – com força bastante para quebrar o forte de Eirhaun.

Uma dúzia de grandes cavernas, o coração do topo da montanha – com todas suas centenas de encantos combinados, guardiões, defesas e escudos – derrubadas por um empurrão de magia mais forte do que qualquer coisa que ele já tivesse sentido alguma vez, até mesmo quando o Terrível Bane caminhava por Faerûn... magia mais forte do que deveria seria possível.

Um empurrão da morte? Talvez. Alguns diziam que a moça agora estava morta – mas todo mundo que esteve caído faminto a seus pés, buscando o *fogo primordial*, estava morto, e um acampamento de caravana estabelecido há muito tempo tinha sido transformado em uma cratera fumarenta. O “eles” a que se referia Shandril Shessair se foram para onde os sobreviventes que se salvaram escaparam e haviam sido enviados outros para arrebatar o *fogo primordial*... e para morrer. Estes sobreviventes agora tinham uma razão muito boa para reivindicar suas mortes: salvar suas próprias peles. Eles tiveram seus próprios superiores, que poderiam, ao invés, lhes ordenar que tentassem arrebatar o *fogo primordial* – e encontrar tão rapidamente suas próprias sepulturas à espera.

Até mesmo ele, o mais temido Zhentarim ou não, teve seus superiores. Ainda assim tão longe ele não tinha tido nenhuma mensagem de Manshoon – nada para urgir o velho Eirhaun a buscar o *fogo primordial*. Ainda sabendo que a verdade era parte do seu trabalho; como poderia alguém se lançar em deslealdade?

Seria bom saber o que teria acontecido a Shandril de Lua Alta. Isso significava olhar, apenas olhar. Não era como se ele tivesse que estender sua mão – serpentes e tudo o mais – para a luz, para agarrar tolamente o fogo que consome magia.

Ainda, se ele nunca investigou e aprendeu, ele

poderia estar dando uma chance para o *fogo primordial* de escapar... o *fogo primordial* que poderia varrer todos, Manshoons e Hesperdians e Elminster e Larlochs. Faerûn poderia fornecer, e fazer do homem que “eles” chamam de Mago Mutilado tão poderoso quanto merece ser.

Poderoso o bastante para varrer suas deformações, ligar a si todas as mulheres que gostava e banir toda a solidão para sempre.

Aham.

Não, este era o tipo de sonho de grande poder ao quais magos novatos desejavam, antes era o seu mais tola – e freqüentemente fatal – queda.

Assim, apenas olhar e aprender seria mais do que prudente...

... e cumprir seus deveres...

... e era, afinal de contas, algo que não poderia causar nenhum dano.

E, então...

Sim.

Narm endureceu quando algo tocou levemente sua mente, como um verme macio procurando algo. “O que...?” ele ofegou alto, erguendo a mão como se ele pudesse alcançar e arrancar... algo... de dentro de sua cabeça

Alustriel de Lua Argêntea estendeu um braço longo com a velocidade de uma impressionante serpente para pôr a ponta de seus dedos longos no ombro de Narm. Ela enrugou a testa com o que sentiu. Cravando suas unhas, ela puxou o jovem mago contra si. Lá, ele caiu em um sono profundo sem ao menos saber – e Alustriel se virou e sorriu para sua irmã Laeral. Não era um sorriso agradável.

Pensamentos brotaram entre elas, de olho para olho.

Elas chegaram a um acordo silencioso, e suas mentes se tocaram ao mesmo tempo...

Então, este rapaz espalhafatoso era realmente a moça Shandril, sua mente foi mantida adormecida pela Escolhida de Mystra... é claro!

Por que, essas bruxas espertas! O fogo prateado não é o bastante para elas, é? Elas também têm que possuir o *fogo primordial*!

Bem, agora, talvez uma pequena surpresa secular caia perfeitamente no futuro imediato delas. Estas Irmãs orgulhosas foram muito longe com sua arrogância serena e vitoriosa, com Mystra agindo como seu escudo. Ainda, certamente subjugar a mente de uma jovem maga noviça com sono ia contra os ensinamentos da Senhora de Mistérios? Como poderia uma maga cativa, mantida à força sob sono e seu corpo disfarçado de outro, espalhar o uso e influência

da magia?

Sim!

Deixe a dama de Lua Alta ser levada para lá... agora!

[magia da Trama florescendo satisfação]

[momento brilhante de sucesso e vitória!]

[Sorriso]

Agora me encontrem, suas abominações de cabelo prateado! Seu tesouro levado... ha ha! Deixarei vocês procurarem a mão poderosa que a levou, e encontrem...

Nada.

O salão era vasto e escuro e empoeirado, e estátuas de formas femininas impossivelmente altas e magras fluíam suavemente por pedestais – ou tinham despencado e virado escombros – lá e aqui, entre as lajes rachadas e inclinadas. Estas pedras eram de grande tamanho e (antigamente) de grande lisura. Verdadeiramente um Salão das Rainhas Mortas.

Elfos, ou humanos próximos a elfos em gosto e membros e arrogância, tinham feito este lugar em sombras suaves além de um portal escondido, longo antes do tataravô de Eirhaun Sooundaeril ter tomado seu primeiro fôlego, mas parecia ao Mago Mutilado, quando por casualidade ele encontrou o salão, que foi abandonado, suas defesas enfraquecidas a meros sussurros, por mais tempo que sua vida.

Nenhuma água ou luz solar jamais tocou este lugar, portanto era inadequado como um refúgio. Ainda que os homens menos friamente suspeitos e não amados que Eirhaun procurassem por esconderijos nos quais pudessem manter sua magia, este aqui parecia perfeito para ambos. Nele, o Mago Mutilado construiu magia após magia, unindo as magias falhas dos anos passados com novos e fortes feitiços da sua própria invenção. A teia silenciosa e meio-vista que ele construiu obedecia apenas a ele, e sentou-se na escuridão com o peso da atenção – uma consciência fria como a de seu fabricante.

Mais forte ele construiu, e mais forte ainda, até que suas sombras saltadas enchessem a câmara, afastando pedestais quebrados como árvores grossas de magia sombria zumbindo. Itens que ele encontrou em tumbas ele colocou em sua teia, para esperar até que ele precisasse deles – e ele desejaria desde que fosse evidente, com um pouco de satisfação, uma gaiola forte o bastante para segurar qualquer arquimago. Os ossos de algum Zhentarim que se achou inteligente e poderoso na Arte flutuou entre sua proteção mágica sussurrando, como prova de seu poder.

Seguramente ela poderia conter uma moça que

conjurou *fogo primordial*, se a mente dela fosse unida enquanto dormia por ninguém menos que o Escolhido...

As sombras mudaram, e Eirhaun estava entre elas, se embrulhando nos seus tentáculos como um grande manto, assumindo o comando da grande e fria teia de magia.

Outro brilho já estava lá – uma espiral no canto mais escuro. Exatamente onde ele o colocou. Ele procurou com cuidado, sondando...

Sua mente ainda estava totalmente fechada – fechada contra ele, sim, mas não por mais tempo. Tudo o que ele precisava fazer agora era deslizar fios de sua teia para o corpo da dama, e prendê-la sob sua vontade. Então conjurar seu mais forte feitiço de proteção contra qualquer chama de *fogo primordial*, e... apunhalar aquela mente dormiente!

“E assim”, ele respirou alto, sua voz como um sussurro perdido entre muitos, “minha conquista sob o *fogo primordial* será realizada. Uma coisa tão pequena e fácil”.

Eirhaun deixou sua consciência fluir ao longo da sua teia mágica, buscando intrusos, tendo certeza que as proteções que deveriam estar escondendo sua cativa o fariam.

Tudo estava silencioso. Claro.

Com um sorriso como veludo, Eirhaun Sooundaeril estendeu os fios de sua magia, e sua Arte escura formou uma espiral como uma enorme, mas não vista serpente, atada à sua vontade.

Ah, tal poder! Os fios tocaram sua prisioneira e envolveram-na...

Foi tomado de confusão sob sua sondagem. Ele procurou dentro e abaixo, afundando mais...

Houve um súbito brilho de fria luz azul, um...

Fogo primordial!

O Mago Mutilado procurou com seus fios e sua proteção junto, empurrando...

Uma chama prateada floresceu na escuridão, queimando ambos!

Prateada?

No despertar daquele brilho, a escuridão foi empurrada de volta para sua fonte, que estava no canto onde duas estátuas esmigalhadas planavam como agulhas empurradas para junto de si. A senhora de sorriso gentil que se levantou entre eles era muito mais alta que Shandrill de Lua Alta.

Cabelos prateados caíram e mexeram-se ao redor dela, como se estivesse em uma brisa marota, e os olhos dela eram duas estrelas de um fogo azul e branco. Ela usava um cinto escuro sob couro claro – botas altas, culatras e uma túnica lisa e apertada contra própria pele. Ela também sorria.

“Muito prazer, Eirhaun Sooundaeril”, ela disse com uma fria travessura. “Eu sou Laeral de Águas

Profundas, e isto...“, ela estendeu uma de suas mãos para ele, uma luz dançava em cima de sua palma elevada, “... é o *fogo primordial* que você busca!”.

“Eu...”. A surpresa golpeou o Mago Mutilado, e a raiva queimou-o, mas ele teve tempo para não mais que uma palavra confusa antes do brilho ao redor de Laeral queimar – e outra luz pulou na sua escuridão de sombas, mas estava longe, no lado mais distante do Salão das Rainhas Mortas.

Ele girou para encarar a cena e encontrou-se olhando para os frios olhos de outra mulher de cabelo prateado, mas esta era alta e poderosa em sua armadura velha e muito usada. “Chamo-me Dove, mago”, ela lhe disse em desafio com um sorriso frio, “e este, também, é o *fogo primordial*!”. Uma luz estava brilhando sobre sua mão estendida para ele.

Eirhaun deu um passo para trás, seus olhos flutuaram para imediatamente contemplar ambas as mulheres, seus dedos de serpente assobiantes encaracolando e enrolando involuntariamente. Ele estava menos do que surpreso quando o brilho na mão de Dove queimou – e uma terceira luz brilhou com vida atrás dele.

Dentro de sua terna chama estava outra mulher com cabelos prateados – uma quem ele havia espiado com feitiços muitas vezes – alguém cujas armaduras de couro preto tinham a fragrância de coisas verdes que cresciam no Vale das Sombras. O sorriso dela lhe disse que ela estava bastante atenta ao seu escrutínio de espionagem.

“Seus olhos incansáveis já me conhecem bem, Eirhaun”, ela disse alegremente e rindo, como uma canção, “mas você pode bem ter o meu nome também: Storm Mão Argêntea, Barda do Vale das Sombras. Com um punhado de *fogo primordial*, claro”.

A chama em forma de taça que ela segurava ardeu com essas palavras, e uma quinta luz nasceu em algum outro lugar no salão sombreado. O Mago Mutilado virou-se com um rosnado, conjurando magias de proteção ao seu redor, e contemplou...

Outra irmã de cabelos prateados que ele conhecia. “Alustriel de Lua Argêntea”, ele cuspiu, o medo agora lutando contra sua raiva. Que armadilha elas estavam tramando aqui? *O que elas tinham planejado?*

“Fazendo justiça pelo que você se tornou”, Alustriel lhe falou, como se ela pudesse ouvir seus pensamentos. “Com a ajuda de...”, ela sustentou suas mãos em forma de taça, por sua vez. “... um pouco de *fogo primordial*, claro”. As chamas dançaram na sua palma ardendo na sua deixa.

Com mãos trêmulas Eirhaun teceu uma segunda magia de proteção ao seu redor, e virando-se viu uma alta e desdenhosa elfa drow, cuja pele de obsidiana estava pouco coberta pelo vestido aberto que usava. Cabelos prateados giravam ao seu redor enquanto ela

o encarava com grandes olhos negros cujo desprezo mordida como a ponta de uma adaga e ronronou, “Qilué eu sou, e eu, também, trago *fogo primordial* para você. A destruição que você estava procurando?”.

O brilho da chama naqueles longos dedos negros ainda anunciou outro estouro de fulgor. Eirhaun virou-se relutantemente desta vez – para encarar uma mulher humana de olhos selvagem que usava apenas seus cabelos prateados desgrenhados que se moviam incansavelmente e os farrapos de um vestido de gala preto, uma vez magnífico, que parecia que tinha sido queimado, rasgado por urtigas e cortado por lâminas. Ao contrário de suas irmãs, ela estava descalça – e seus olhos estavam como duas chamas que quase excediam o brilho da luz enaltecida em sua mão. Quase.

“A maioria dos homens me chama de A Simbul”, ela disse com um sorriso frio. E eu, também, Eirhaun, trago o *fogo primordial* para ti”.

O Mago Mutilado gemeu enquanto as chamas seguradas pela Rainha Bruxa de Aglarond arderam. Ele estava condenado, ele ia morrer aqui, ele...

“Os homens também se esquecem de mim muito freqüentemente”, veio um sussurro frio por trás dele. Eirhaun girou de modo selvagem, deixando escapar um grito agudo.

“Ainda, eu persisto, e sou chamada Syluné, a Bruxa do Vale das Sombras”. O esboço fantasmagórico e brilhante de uma mulher descalça, de cabelos prateados em um vestido de gala flutuava em pleno ar, perto o bastante para alcançar e tocar Eirhaun. Ele podia ver o *fogo primordial* tremendo furiosamente na palma dela através de seus dedos fantasmagóricos. Ela sorriu para ele e perguntou, “Eu devo lhe contar o que eu seguro, ou sua inteligência está trabalhando para você agora?”.

E ela se lançou adiante como se suas magias de proteção não estivessem lá, empurrando-o através do ar com o *fogo primordial* ardendo em um círculo faminto ao redor dos ombros dela, e sua face se distanciando para um sorriso vazio em uma cova no seu crânio!

O Mago Mutilado a golpeou com toda a Arte que ele poderia comandar, gritando em terror – e no brilho e no chiado da mortífera e letal Arte que se seguiu, seus olhos flutuantes tiveram tempo para apenas um breve relance antes que escuridão pungente o engolissem: sete mãos recém esvaziadas estavam erguidas contra ele, sem nenhum traço de *fogo primordial* nelas – e suas próprias magias estavam ricocheteando delas de volta para ele!

Brilho, cegueira, ossos nus agonizantes rasgavam sua carne, nenhuma língua sobrou para moldar seus gritos...

Para fora da dor vermelha ele se torceu, desamparado, girando e lamentando, quando ele se lembrou como. Era este um tormento dos Deuses, ou suas magias contingentes o arrastaram para... cá?

Onde era aqui?

Pedra dura e fria abaixo dele, e exclamações entusiasmadas. Vozes – o sangue então rugiu como rebentação nas suas orelhas, abafando o que elas disseram, e ele caiu em numa dor que o fez choramingar e gritar e então choramingar novamente.

“Nós o encontramos aqui”, uma voz assustada disse, “e...”.

“Estava assustado o bastante para superar seu medo de mim”, uma fria voz familiar ronronou. “Bem, bem. Você aprendeu algo hoje, pelo menos; nem tudo está perdido. Eu estava começando a me perguntar. Você ganhou o direito de consumir comida aqui – e, então, de viver – alguns dias a mais. Vá e reúna o resto dos novigos”.

Uma bota raspou uma pedra muito perto, e aquela voz familiar, logo acima dele, disse, “Você é Eirhaun Sooundaeril, e está agora verdadeiramente Mutilado. Você se preocuparia em compartilhar com seu camarada Zhentarim a razão para sua presente vergonha?”.

Um frasco foi destampado, e água que ferroava feito gelo de inverno choveu como fogo enfurecido em Eirhaun. Ele cheirou o sabor de magia de cura naquilo.

Uma luz brilhou no coração de seus respingos – um dos seus olhos flutuantes tinha sido restaurado – e sua mandíbula trabalhava, agora, ao seu comando. Ele moveu-a experimentalmente, descobrindo que ele tinha uma língua mais uma vez, e usou-a para perguntar, “Hesperdan?”.

“Claro”, o Velho Homem dos Zhentarim disse sardonicamente. “Eu tenho sido Hesperdan durante alguns séculos agora, e pretendo continuar sendo Hesperdan durante algum tempo ainda. Mas você, Eirhaun: o que o aconteceu com você? Quem ou o quê o colocou tão baixo?”.

“*Fogo primordial*”, o Mago Mutilado ofegou à figura que assomava na vista turva. “Não o busque!”

Hesperdan sorriu para ele e respondeu suavemente, “Claro que não. *Eu* não sou o bobo aqui”. E afastou-se.

O Velho Homem dos Zhentarim estava passeando pela câmara enquanto Eirhaun lutava para se erguer em um cotovelo – braços! Ele tinha braços novamente! – e focalizava corretamente.

Passeando, e – se indo, em um único passo,

piscando como se ele nunca tivesse estado lá. “Hesperdan?”. Eirhaun perguntou para o ar. “Hesperdan?”.

Um cheiro lânguido e desagradável agarrou-se no ar ao redor dele. Seu próprio cabelo chamuscado e... não. Não, era... fumo de cachimbo.

Agora apenas onde, durante todos esses anos, ele tinha sentido o cheiro daquele fumo de cachimbo antes?